



V Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG  
III Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



## GLOBALIZAÇÃO À IMAGEM CHINESA: A EXPANSÃO GEOPOLÍTICA ESTRATÉGICA DA CHINA ATRAVÉS DA NOVA ROTA DA SEDA

Mariéli Londero<sup>a</sup>, José Luiz Silva Preiss<sup>a\*</sup>

a) Centro Universitário da Serra Gaúcha - FSG.

### Informações de Submissão

\* Autor correspondente (Orientador)  
José Luiz Silva Preiss, endereço: Rua Os  
Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS -  
CEP: 95020-472

### Palavras-chave:

República Popular da China. Ascensão  
Pacífica. Nova Rota da Seda. Geopolítica.  
Globalização.

### Resumo

Este artigo objetiva estudar a expansão geopolítica estratégica chinesa através do projeto da Nova Rota da Seda, sob uma perspectiva Realista das Relações Internacionais. Visto que, cada vez mais torna-se evidente a necessidade do estudo em torno da China, o estudo reflete uma realidade de ascensão de um poder econômico, político, social e militar, num contexto de globalização. Para isso, foi utilizado a análise bibliográfica, de dados e pesquisa empírica com base em mapas, estudos de *thinktanks* e outros. Por fim, fica estabelecida, então, a assertividade das políticas de ascensão pacífica da República Popular da China.

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano, por ser social por natureza, sempre utilizou da troca de bens, ideias, habilidades e outros para a sua sobrevivência e prosperidade. Ao longo da história é possível observar como essa característica social inata influenciou na criação de rotas comerciais interligando importantes cidades mercantis, como a Rota da Seda chinesa durante a Idade Antiga, a qual era uma rota por terra e mar em que bens além da seda eram transportados entre cidades da eurásia e da costa africana.

Segundo a UNESCO<sup>1</sup>, essa rota apresentava importância para além da troca comercial, pois foi fonte de grande parte da troca de conhecimento, ideias, crenças e culturas entre o Ocidente e o Oriente. Criando, então, não apenas um fluxo importante de comércio terrestre e marinho interligando Leste e Oeste de forma inovadora, mas criando, também, um profundo impacto na

<sup>1</sup> UNESCO, 'AbouttheSilk Road' <<https://en.unesco.org/silkroad/about-silk-road>> Acesso em 1 de agosto de 2017.

história, como através da influência que tal rota tem na formulação da atual geopolítica estratégica chinesa com o projeto ‘*Beltand Road Initiative*’, em português conhecido como a ‘Nova Rota da Seda’, objeto de análise do presente trabalho.

These vast networks carried more than just merchandise and precious commodities however: the constant movement and mixing of populations also brought about the transmission of knowledge, ideas, cultures and beliefs, which had a profound impact on the history and civilizations of the Eurasian peoples. Travellers along the Silk Roads were attracted not only by trade but also by the intellectual and cultural exchange that was taking place in cities along the Silk Roads, many of which developed into hubs of culture and learning. Science, arts and literature, as well as crafts and technologies were thus shared and disseminated into societies along the lengths of these routes, and in this way, languages, religions and cultures developed and influenced each other. (UNESCO, ONLINE, 2017)<sup>2</sup>.

Considerando então, que o projeto ‘*Beltand Road Initiative*’ tem como influência a antiga Rota da Seda, há o interesse em se analisar os impactos geopolíticos que este novo projeto trará para a ascensão pacífica da China como principal *policymaker* das Relações Internacionais atuais. Utiliza-se das ferramentas de *hard e soft power* segundo a teoria Realista das Relações Internacionais, com base na análise teórica de Cristina Pecequilo, Karen Mingst, Georg Sorensen, NizarMessari, Demétrio Magnoli e Gilberto Sarfati.

Emprega-se o uso do Realismo das Relações Internacionais por se tratar de uma teoria, a qual, mesmo contanto com muitos críticos, ainda é a dominante das Relações Internacionais. Apresentando enfoque na questão dos interesses baseados em termos de poder; do processo de conquista e manutenção de tal elemento; avaliação relativa à capacidade dos governantes para manter seu poder de maneira eficiente; a visão estadocêntrica como ator preponderante e a questão das *powerpolitics*. (PECEQUILO, 2012, p.115-136). Pontos importantes para análise aqui proposta, além da identificação de uma ligação entre a teoria geopolítica de Mackinder com o princípio de expansão de poder.

Para isso, será utilizado material bibliográfico - digital e físico- e análise crítica de mapas, dados e infográficos, para que haja a identificação da atual geopolítica estratégica chinesa através

---

<sup>2</sup>Tradução de MariéliLondero: “Entretanto, essas vastas redes levaram mais do que apenas mercadorias e commodities preciosas: o constante movimento e mistura de populações também provocou a transmissão de conhecimento, ideias, culturas e crenças, que teve um profundo impacto na história e nas civilizações dos povos euroasiáticos. Os viajantes ao longo da Rota da Seda foram atraídos não apenas pelo intercâmbio intelectual e cultural que estava ocorrendo nas cidades ao longo da Rota da Seda, muitas das quais se desenvolveram em núcleos de cultura e aprendizagem. A ciência, as artes e a literatura, bem como os artesanatos e as tecnologias foram, portanto, compartilhados e disseminados em sociedades ao longo dessas rotas, e dessa forma, as línguas, as religiões e as culturas se desenvolveram e se influenciaram mutuamente.”

da construção da Nova Rota da Seda. Compreensão dos mecanismos funcionais do projeto e posterior explanação sobre o que é o projeto e quais serão os impactos em termos geopolíticos através da visão Realista. Na análise geopolítica, há o embasamento teórico no pensamento de Mackinder, por meio do autor Heinsfeld e seu livro sobre geopolítica clássica e novas teorias.

Considera-se de importância acadêmica o debate sobre tal assunto devido a alguns fatores: a importância de se identificar e compreender o processo de inserção geopolítica estratégica chinesa através da Nova Rota da Seda; destaque para o estudo que utiliza a China como objeto focal, um importante ator histórico do sistema internacional; interesse acadêmico em estudar um assunto que é de relevância significativa para as relações geopolíticas atuais, e, por fim, a possibilidade de proporcionar fomento no debate geopolítico sobre a República Popular da China.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A Nova Rota da Seda chinesa tem como base, como foi mencionado anteriormente, a antiga Rota da Seta, a qual apesar de estar situada historicamente na Idade Antiga, recebeu tal denominação apenas no século XIX, através do geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen (1833-1905), o qual nomeou a rota como *Die Seidenstrasse* (Rota da Seda em alemão), segundo Palazzo (2009), essa denominação reflete a forte influência do romantismo nas mentalidades europeias do período. Richthofen também viajou por toda a China, produzindo mapas e relatórios sobre o país.

Segundo Palazzo (2009), o termo ‘Rota da Seda’ refere-se a uma ampla rede de estradas e oásis que se estendia da China até os portos do Mediterrâneo - como pode ser observado no mapa da figura 1 - e por onde circularam, principalmente entre os séculos I e XV, diversos grupos de interesse com o transporte de mercadorias, serviços e trocas socioculturais. Em termos temporais, a Rota da Seda teve seu maior fluxo de importância para a China no período anterior a 1500, pois foi, por volta de 1426, que a dinastia Ming fechou a Rota para restabelecer o Império depois de várias invasões. Tal rota ficou fechada por mais de 1500 anos e foi redescoberta apenas no final do século XIX, principalmente, pela expansão da União Soviética e dos conflitos mundiais do período.

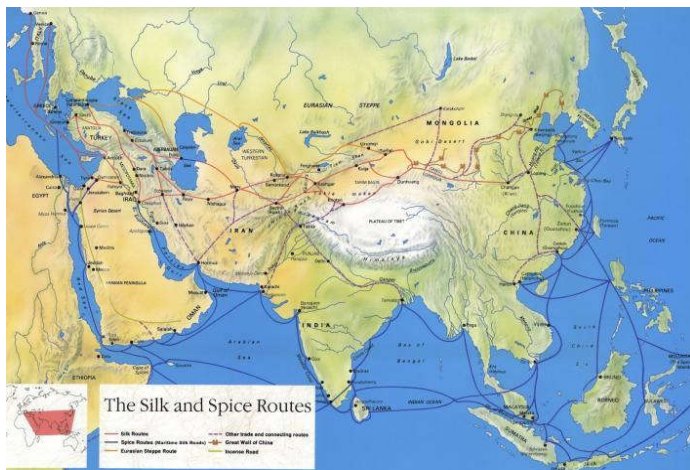


Figura 1: Mapa da antiga Rota da Seda e da Pimenta.  
 Fonte: UNESCO <<https://en.unesco.org/silkroad/about-silk-road>> (2017).

Essa diversidade provinha da Europa, Ásia e da África, por mar e terra, interligando o que na geopolítica se classifica como o *'heartland'*, em que o centro do poder mundial está situado na região central da massa continental euroasiática. Assim, segundo o pensamento da teoria do poder terrestre de Mackinder, a potência que dominar o *heartland* dominará a Ilha Mundial (imensa massa euro-ásio-africana), e a potência que dominar a Ilha Mundial dominará o mundo. (HEINSFELD, 2008, p. 37-41)

Para Villa (2000), Halford Mackinder, geógrafo inglês e fundador da teoria do poder terrestre, utiliza do conceito de *heartland* em que “A noção *Heartland* que pode ser entendida como área-pivô, região-eixo, terra central ou coração continental – é o conceito-chave que constitui a pedra de toque da teoria do poder terrestre.” (VILLA, 2000, p.2) Ainda, enfatiza que “Quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*<sup>3</sup>; quem domina a *World Island* controla o mundo”. (VILLA, 2000, p.2).

Essa relação pode ser vista através do mapa da figura 2, em que fica demonstrado a relação entre *Heartland*, *Rimland*<sup>4</sup> e a Ilha Mundial. Percebe-se que há uma relação direta na sobreposição dos dois mapas, pois a expansão geopolítica chinesa através da Rota da Seda é feita nos limites espaciais da teoria do poder terrestre de Mackinder, mas vai além, englobando a costa africana e

<sup>3</sup>Segundo Villa (2000), A *World Island* rejeita a ideia tradicional de que possam existir quatro oceanos e seis continentes. Segundo a ideia de Mackinder, existia na verdade só um grande oceano, cujas águas cobririam três quartos da totalidade do globo. A isso o geógrafo inglês chamou de *World Island* (Ilha Mundial).

<sup>4</sup> Para Heinsfeld (2008), *Rimland* é o termo utilizado para definir as regiões costeiras ou fimbrias marítimas, que contornam a Eurásia servindo de área tampão entre o poder marítimo e terrestre.

interligando mais regiões asiáticas na rota comercial, antes mesmo que a teoria geopolítica fosse condensada enquanto conhecimento teórico, isso ocorrendo em torno do início do século XX, e a rota ainda por volta dos séculos I ao XV.

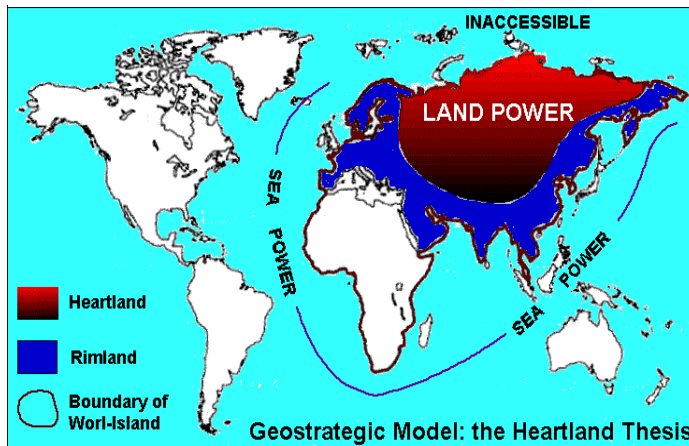


Figura 2: Mapa da relação heartland/rimland e a Ilha Mundial.

Fonte: Birmingham War Studies <<https://birminghamwarstudies.wordpress.com/tag/rimland/>> (2017).

Essa diferença temporal entre a interligação da teoria de Mackinder com a Rota da Seda demonstra que o conhecimento chinês para a expansão da sua área de influência sempre foi assertivo, pois sua filosofia central enquanto o ‘Império do Meio’, segundo denominação de Henry Kissinger (2011), permitiu que essa civilização crescesse em termos espaciais, econômicos, culturais e sociais de forma pacífica, como faz até os dias atuais como com a Nova Rota da Seda.

O Realismo, enquanto teoria, não apresenta uma síntese para uma concordância entre seus teóricos, existem, então, “realismos”. Além disso, considerando o cenário internacional atual, estamos em um sistema multipolar em que há a interação entre diversos Estados que dividem a supremacia internacional por meio de diferentes tipos de poder. A China apresenta um forte poder econômico e influência, o qual se infere como sendo um poder de persuasão e, então, por ser um pilar asiático é temido enquanto potência dominante.

Para Mingst (2011), os realistas acreditam que a demonstração periódica de poder e força - como pode ser visto na expansão chinesa para a África e América Latina, na reivindicação do Mar do Sul da China, na construção da Nova Rota da Seda, nos desfiles militares que mostram o maior efetivo terrestre mundial - é uma forma eficaz de coagir os outros Estados a sucumbir aos interesses nacionais, logo, se aliando ao Estado mais potente, o que é chamado de adesão (*bandwagoning*).

Portanto, a lógica é que quanto mais poder o Estado tem, mais poder receberá. (MINGST, 2011, p.62-68). Considera-se então, a análise da figura 3, sendo o mapa da Nova Rota da Seda, a qual apresenta uma clara influência da primeira rota e do pensamento geopolítico baseado na teoria do poder terrestre, observa-se que também há maior importância para a rota marítima, interligando não somente a costa africana, como também a Itália e a Grécia pelo Mar Mediterrâneo:

The Belt and Road run through the continents of Asia, Europe and Africa, connecting the vibrant East Asia economic circle at one end and developed European economic circle at the other, and encompassing countries with huge potential for economic development. The Silk Road Economic Belt focuses on bringing together China, Central Asia, Russia and Europe (the Baltic); linking China with the Persian Gulf and the Mediterranean Sea through Central Asia and West Asia; and connecting China with Southeast Asia, South Asia and the Indian Ocean. The 21st-Century Maritime Silk Road is designed to go from China's coast to Europe through the South China Sea and the Indian Ocean in one route, and from China's coast through the South China Sea to the South Pacific in the other. On land, the Initiative will focus on jointly building a new Eurasian Land Bridge and developing China-Mongolia-Russia, China-Central Asia-West Asia and China-Indochina Peninsula economic corridors by taking advantage of international transport routes, relying on core cities along the Belt and Road and using key economic industrial parks as cooperation platforms. At sea, the Initiative will focus on jointly building smooth, secure and efficient transport routes connecting major sea ports along the Belt and Road. (THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, ONLINE, 2017)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>Tradução de Mariéli Londero: “A Nova Rota da Seda atravessava os continentes da Ásia, Europa e África, conectando o vibrante círculo econômico da Ásia Oriental em uma extremidade e desenvolvendo o círculo econômico europeu no outro e abrangendo países com enorme potencial de desenvolvimento econômico. A Nova Rota da Seda concentra-se em reunir a China, Ásia Central, Rússia e Europa (o Báltico); ligando a China com o Golfo Pérsico e o Mar Mediterrâneo através da Ásia Central e da Ásia Ocidental; E conectando a China com o Sudeste Asiático, Sul da Ásia e o Oceano Índico. A Estrada da Seda Marítima do século XXI foi projetada para ir da costa da China para a Europa através do Mar da China Meridional e do Oceano Índico em uma rota da costa da China até o Mar da China Meridional até o Pacífico Sul na outra. Em terra, a Iniciativa tem foco na construção conjunta de uma nova Ponte da Terra Eurásiana e no desenvolvimento dos corredores econômicos China-Mongólia-Rússia, China-Ásia Central, Ásia Ocidental e Península da China-Indochina, aproveitando as rotas de transporte internacionais, dependendo de cidades principais ao longo da Nova Rota da Seda e o uso de parques industriais econômicos chave como plataformas de cooperação. No mar, a Iniciativa se concentrará em construir, em conjunto, rotas de transporte seguras, seguras e eficientes conectando os principais portos marítimos ao longo da Rota. ”

### The reviving of the Silk Road

Infrastructure projects being planned and undertaken as of December 2015 in China's Belt and Road initiative.



SOURCE: MERCATOR INSTITUTE FOR CHINA STUDIES

Figura 3: Mapa da Nova Rota da Seda

Fonte: Jornal The Sydney Morning Herald (2017) <<http://www.smh.com.au/world/chinas-new-silk-road-the-one-belt-one-road-explained-20170512-gw3ntx.html>>.

Para entender a motivação da Nova Rota da Seda é preciso compreender o processo de interligação e de troca cultural e de conhecimento, que ocorreu nos séculos passados com a formação da primeira rota, pois, além de aproximar diferentes culturas, proporcionou uma facilitação nas trocas em vários níveis. De forma prática, esse legado de ‘globalizar’ e produzir novas conexões entre povos distantes, é o que impulsiona a nova rota.

Segundo o estudo do *Fung Business Intelligence Centre*, ‘*The Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road*’ (2015)<sup>6</sup>, apesar da Nova Rota da Seda se espelhar no legado da Rota da Seda antiga, ela ultrapassa o objetivo de troca de bens e serviços, sendo fundamentada em ‘Cinco Pilares’. Tais pilares são baseados na coordenação de políticas estatais, construção de uma infraestrutura intermodal (ligando não apenas os meios tradicionais de transporte, mas conectando tecnologicamente esses países), liberalização, bem como a facilitação do comércio e investimento, promoção da conectividade entre as populações, por meio da troca de conhecimentos entre as pessoas e coordenação em políticas financeiras para que haja estabilidade cambial.

Nesse sentido, há uma clara busca pela expansão chinesa. Segundo Messari (2005), para os realistas, a expansão pode ser tanto local como regional ou global e pode resultar de diversos

<sup>6</sup> Fung Business Intelligence Centre, ‘The Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road’ <<https://www.fbcigroup.com/sites/default/files/The%20Silk%20Road%20Economic%20Belt%20and%2021st%20Century%20Maritime%20Silk%20Road%20MAY%202015.pdf>>. Acesso em 6 de agosto de 2017.

fatores, como: vitória militar, econômica ou cultural e a fraqueza dos demais Estados. (MESSARI, 2005, p.35). Analisando os fatores já mencionados, a China busca uma interação entre esses fatores de ascensão, pois apresenta o maior contingente militar de terra, está localizada geopoliticamente, em uma área ser grandes rivais, preponderância econômica e cultural, como será discutido posteriormente.

Todas as informações básicas sobre o novo projeto podem ser encontradas no sítio oficial do governo chinês, a qual é a fonte primária desta pesquisa. Infere-se, então, que a Nova Rota da Seda é um reflexo dos novos fluxos de globalização e da necessidade de maior interligação entre os Estados para que haja ganhos mútuos frente às instabilidades do sistema internacional atual. Todo o projeto teria como base os princípios deixados pela primeira Rota da Seda, os quais são, em suma, cooperação e desenvolvimento, como é destacado pelo governo chinês em seu sítio oficial:

For thousands of years, the Silk Road Spirit – “peace and cooperation, openness and inclusiveness, mutual learning and mutual benefit” – has been passed from generation to generation, promoted the progress of human civilization, and contributed greatly to the prosperity and development of the countries along the Silk Road. Symbolizing communication and cooperation between the East and the West, the Silk Road Spirit is a historic and cultural heritage shared by all countries around the world. In the 21st century, a new era marked by the theme of peace, development, cooperation and mutual benefit, it is all the more important for us to carry on the Silk Road Spirit in face of the weak recovery of the global economy, and complex international and regional situations. (THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, ONLINE, 2017)<sup>7</sup>.

A Nova Rota da Seda, no original ‘*Silk Road Economic Belt and the 21st-Century Maritime Silk Road*’, encurtado e referido como ‘*One Belt One Road*’ ou ‘OBOR’ é um projeto conjunto formulado em 2013 pelo atual presidente chinês Xi Jinping em visita ao Cazaquistão e Indonésia. Desde então, o projeto tem chamado atenção internacional, pois ainda em 2013 na reunião da ASEAN - Associação de Nações do Sudeste Asiático - o Premier chinês Li Keqiang enfatizou a necessidade de se construir uma Rota da Seda Marítima voltada para a ASEAN e criar pontos estratégicos para desenvolver o *hinterland*<sup>8</sup> chinês. Segundo o governo chinês, esse projeto

---

<sup>7</sup>Tradução de Mariéli Londero: “Por milhares de anos, o Espírito da Rota da Seda - “paz e cooperação, abertura e inclusão, aprendizagem mútua e benefício mútuo” - passou de geração em geração, promoveu o progresso da civilização humana e contribuiu grandemente para a prosperidade e o desenvolvimento dos países ao longo da Rota da Seda. Simbolizando a comunicação e a cooperação entre o Oriente e o Ocidente, o Espírito da Rota da Seda é um patrimônio histórico e cultural compartilhado por todos os países do mundo. No século XXI, uma nova era marcada pelo tema da paz, desenvolvimento, cooperação e benefício mútuo, é ainda mais importante para nós continuarmos a carregar o Espírito da Rota da Seda diante da fraca recuperação da economia global e complexas situações internacionais e regionais.”

<sup>8</sup>Hinterland- termo alemão que denomina a parte interior ou menos desenvolvida de um país.



ajudará a acelerar a prosperidade econômica não somente dos países que fazem parte da Rota, os quais terão benefícios com a integração regional, mas de um modo geral, irá fortalecer as trocas mútuas de conhecimento entre diferentes civilizações e promover, assim a paz e o desenvolvimento mundial.

Seguindo a característica multipolar do sistema internacional atual, da economia globalizada e da diversidade cultural, o projeto utiliza de ferramentas tecnológicas para sustentar o regime mundial de livre comércio, com a cooperação regional para o desenvolvimento. Para isso, é desejado que ocorra entre os países da Nova Rota da Seda uma coordenação das políticas econômicas através de uma profunda cooperação regional, além da busca de novos meios de integração internacional e governança global para que os efeitos desse projeto não sejam apenas regionais.

Essa característica eminente de multipolaridade do sistema internacional, da economia globalizada e da diversidade cultural, produz um projeto que tem como base, como já mencionado, diversas regiões focais. Isso sinaliza o caráter multipolar das negociações relacionadas à Nova Rota da Seda, segundo Mingst (2011), uma das características importantes dentro do Realismo é a questão do equilíbrio de poder. No sistema de equilíbrio de poder há a busca pelo aumento das capacidades estatais adquirindo território, aumentando sua população ou desenvolvendo-se economicamente; a preferência pela negociação ao invés da guerra; a demonstração de força física como forma de não ser um Estado fraco, em segundo plano; outros Estados são considerados aliados potenciais e os Estados cuidam de seus interesses em termos de poder. (MINGST, 2011, p.86).

É possível observar todas essas questões essenciais do equilíbrio de poder dentro das ações chinesas, como as que dizem respeito à nova Rota da Seda. Projeto, o qual está alinhado com os princípios da Carta das Nações Unidas (1945), segundo Sarfati (2000), no capítulo 1, dos Propósitos e Princípios da ONU, no artigo 1º, dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, os quais são eles: respeito mútuo pela soberania e integridade territorial, mútua não-agressão, mútua não-interferência nas relações exteriores, igualdade e benefício mútuo e coexistência pacífica.

Efetivamente, segundo informações do jornal australiano *The Sydney Morning Herald*, em 1º de junho de 2017, já foram investidos USD 1 trilhão de dólares em projetos de infraestrutura na África e Ásia Central, envolvendo 65 países de três continentes, além de ONGS e OI's e

englobando uma população total de 4.4 bilhões de pessoas, cerca de 65% da população mundial e 1/3 do PIB mundial. Estima-se, então, que 1/4 de todos os bens e serviços do mundo passariam pela Rota. Segundo o estudo do PwC (2016), “*China’s new silk route The long and winding road*”, o projeto tem como base implementação em 30 a 40 anos, “*The geographical area that is potentially covered by the Belt & Road initiative is vast. In its current shape, the initiative has close to 65 countries somehow connected, covering more than half of the world’s population (current 4.4 billion), around 30% of the global economy and a total infrastructure investment need of around US\$5 trillion*”. (PWC, 2016, p.5)<sup>9</sup>.

Economicamente, a China é autoproclamada “socialista de mercado” e sua economia precisa de um câmbio de ideias muito mais aberto do que as economias tradicionais. Para o artigo “A nova Rota da Seda e o poder das ideias” do DefesaNet<sup>10</sup>, a reforma e abertura política do país nos anos 1980 foi um processo importante de liberalização seguido por um fluxo de informação menos restritivo e um sistema de troca intelectual mais flexível interna e externamente ao Estado para que atualmente a China fosse essa potência mundial. A China, enquanto um grande centro industrial necessita de inovação para seu avanço, logo, ‘informação’ é a palavra-chave de seu sucesso, o *knowhow* tem um valor que não pode ser ignorado.

Apesar de ser uma das principais potências mundiais, com alto investimento na ascensão pacífica através do crescimento econômico e cultural, a China, sozinha, não consegue levantar fundos suficientes para realizar o projeto. Segundo dados do levantamento da CIA, o *World Factbook*<sup>11</sup>, a China possui o maior PIB PPC mundial, de \$21.14 trilhões de dólares (2016 est.); o maior número populacional, de 1.373.541.278 bilhões de pessoas (2016 est.) e isso reflete em dados não tão positivos, pois, por apresentar a maior população mundial, o país é o 112º colocado no PIB per capita, com \$14.600 mil dólares (2016 est.) e o crescimento anual do PIB em porcentagem está

---

<sup>9</sup> Tradução de Mariéli Londero: “A área geográfica potencialmente coberta pela iniciativa B&R é vasta. Na sua forma atual, a iniciativa possui cerca de 65 países conectados de alguma forma, cobrindo mais de metade da população mundial (4.4 bilhões aproximadamente), cerca de 30% da economia global e uma necessidade total de investimentos em infraestrutura de cerca de US \$ 5 trilhões”.

<sup>10</sup> DefesaNet, **A nova Rota da Seda e o poder das ideias**. Disponível em <<http://www.defesanel.com.br/china/noticia/18194/A-nova-Rota-da-Seda-e-o-poder-das-ideias/>>. Acesso em 9 de agosto de 2017.

<sup>11</sup> World Factbook, **China**<<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html>> Acesso em 9 de agosto de 2017.

decrecendo, pois em 2016 era de 6.7%, em 2015 de 6.9% e em 2014 de 7.3%. Todos esses dados gerais econômicos refletem na busca por parceiros investidores no projeto OBOR.

Para a teoria Realista, segundo Pecequillo (2012), como foi citado anteriormente, há uma maior importância para o estudo em volta do conceito de interesses baseados em termos de ‘poder’, o qual pode ser entendido segundo conceitos desenvolvidos por Bobbio (2004) e Gonçalves(2005), de seus dicionários de Política e Relações Internacionais, respectivamente:

1. DEFINIÇÃO. — Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (como na expressão Poder calorífico, Poder de absorção). (BOBBIO, 2004, p. 943).

Verifica-se também a fundamentalidade do Poder no estudo das relações internacionais, onde o conceito de Poder, quando não é considerado como instrumento privilegiado de interpretação, fornece de uma maneira, um critério de análise de que não se pode prescindir e verifica-se também, no estudo dos sistemas políticos nacionais e locais, onde o estudo do Poder termina no estudo da natureza e composição das elites políticas (v. ELITES, TEORIA DAS) e das relações que existem entre elites e outros setores da população. (BOBBIO, 2004, p.951).

Também, ‘poder’ segundo o dicionário de relações internacionais de Gonçalves (2005):

Ele se refere a um contexto em que o ator A leva B a fazer (ou não fazer) algo que de outra forma B não faria (ou não teria deixado de fazer). A definição de poder, nesse aspecto, está relacionada à capacidade de controle total ou parcial do comportamento de outrem. [...] O conceito de poder parece estar ainda irremediavelmente vinculado à ideia de elaboração e implementação da política externa de determinado Estado com vistas à preservação e ampliação da defesa daquilo que seus governantes consideram essencial para seu interesse nacional. Nesse sentido, e de forma mais específica, o exercício do poder internacional tende a se dar, embora não de forma exclusiva, por intermédio da persuasão diplomática. Coerção econômica, imperialismo cultural, ameaça de retaliação política e até mesmo o uso da guerra são alguns dos instrumentos disponíveis para o exercício do poder. (GONÇALVES, 2005, p.226).

Considerando então, essa definição de ‘poder’, faz-se uso de duas tipologias de poder, o *soft* e o *hard power*, dentro da área de Relações Internacionais. Em análise, a China possui os dois tipos de poder, pois em nível “duro” apresenta o 4º maior território, a maior população, uma posição geográfica estratégica, sendo o pivô asiático para a estabilidade, conta com o maior contingente militar mundial, possui diversas fontes de recursos naturais na África e América Latina, além de uma excelente capacidade industrial e intelectual (dados do CIA *World FactBook*, China). Em nível “suave” possui grande capacidade de influência em nível internacional fazendo parte de diversas OI’s, inclusive do Conselho de Segurança da ONU, o mandarim é considerada a língua da negociação internacional futura e outros.

Estruturalmente, referimo-nos à distribuição das capacidades materiais concretas entre os países, ligadas aos chamados recursos de poder tradicionais como território, população, localização geográfica, domínio militar, controle sobre matérias-primas, mercados e capitais, moeda estável e capacidade industrial instalada. Tais recursos ainda podem ser definidos como elementos do “poder duro” (hard power), funcionando como fundamento de sustentação e projeção de poder da hegemonia. Além disso, para dominar mais facilmente, a hegemonia depende de sua capacidade em prover as regras e procedimentos para as Relações Internacionais, dotando suas ações de ideologia e propósito, as visões do “poder suave” e de cooptação (soft andcooptivepower), referente às dimensões institucional e situacional. (PECEQUILO, 2014, 147-148 p.)

Em termos gerais, o projeto pode ser fonte de muitos benefícios para empreendedores, como destaca o estudo do PwC (2016), “*China’s new silkroute The longandwindingroad*”, em que há um grande mercado para o mercado de projetos da infraestrutura, dentro disso, fornecimento de produtos, serviços e propriedade intelectual, com uma grande geração de empregos. Também há muitas oportunidades na área das engenharias e de produção, além da abertura para o capital estrangeiro no financiamento de projetos e assim, alavancar as parcerias chinesas no exterior para obter uma maior captação de recursos como através do investimento privado pelo AIIB, *Silk Road Fund*, etc. Além da busca por investidores estrangeiros, o projeto também busca uma parceria PPP - Parceria Pública-privada - para que haja coordenação entre os dois tipos de investimento de capital.

O projeto já traz benefícios para diversas regiões da Ásia e África, principalmente pela questão do alto investimento na infraestrutura dos locais pelos quais a malha ferroviária passa, como destaca o portal de notícias chinês, ‘*Xinhua Net*’<sup>12</sup>, na análise ‘*News Analysis: Beltand Road InitiativepropsChineseeconomy*’, o qual fala que o comércio bilateral entre os países ao longo da Nova Rota da Seda chegou perto dos CNY 3 trilhões de yuan, cerca de ¼ do volume total de comércio da região. Também, as exportações para os países da ASEAN e África aumentaram 9.5% e 12.9%, respectivamente em 2015/2016 e as exportações para Bangladesh, Paquistão e Egito, todos aumentaram mais do que 17% anualmente.

Em relação ao Brasil, mesmo estando geograficamente fora da Nova Rota da Seda, segundo o *Le Monde Diplomatique Brasil*, por ser um projeto geopolítico grandioso, já está apresentando reflexos em nível global. Isso é visto na participação dos países latinos nos fóruns e reuniões de debates do OBOR, e também no impacto na reconfiguração de fluxos comerciais e de investimentos, na criação de novos mercados, nas mudanças nos alinhamentos políticos e o

---

<sup>12</sup> Xinhua Net, ‘News Analysis: Belt and Road Initiative props Chinese economy’ <[http://news.xinhuanet.com/english/2015-07/13/c\\_134408158.htm](http://news.xinhuanet.com/english/2015-07/13/c_134408158.htm)> Acesso em 10 de agosto de 2017.

intercâmbio cultural. Todos meios que trariam novas oportunidades para o Brasil em participar mais ativamente de questões internacionais, seja como parceiro da China através do BRICS - Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul - como do próprio Banco BRICS, uma possível fonte de financiamento do projeto.

Segundo dados do MDIC, do estudo *Comex Vis: Países Parceiros*<sup>13</sup>, a China é a maior parceira do Brasil em 2016 no ranking dos países importadores (sendo que a exportação brasileira para a China de US\$ 35.133,59 milhões de dólares) e está em segundo lugar, no mesmo ano, no ranking de países exportadores em relação ao Brasil (sendo que há importação brasileira de US\$ 23.363,99 milhões de dólares). Isso demonstra a alta relação dos dois países no âmbito comercial, logo é importante para o Brasil que fique atento às oportunidades oferecidas pelo projeto, pois a balança comercial esteve favorável ao Brasil nos últimos oito anos.

Efetivamente, segundo o estudo do *Fung Business Intelligence Centre*, ‘*The Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road*’<sup>14</sup> (2015), já foram feitas algumas ações para colocar o projeto em vigor, como a assinatura pela China do Memorando de Entendimento, o qual dispõe aspectos gerais de cooperação; formação de projetos-chave de cooperação em diversas áreas; facilitação do estabelecimento de fundos de investimento, como o *Asian Infrastructure Investment Bank*, o *Silk Road Fund* e o *China-Eurasia Economic Cooperation Fund*; investimento substancial em projetos de infraestrutura; diversos fóruns e divulgação do projeto em reuniões de Organizações Internacionais foram realizados; levantamento de fundos estatais e privados, mais de USD 4.4 bilhões de dólares e coordenação e consenso entre políticas de Estados rivais, como entre a China e Rússia, na viabilização da *Russia's Euro-Asia Railways*.

Uma vez apresentado sobre o que é a Nova Rota da Seda, fica estabelecido os parâmetros gerais do projeto, o qual apresenta uma visão muito contraditória entre os países que estão na Rota, segundo o *Le Monde Diplomatique Brasil*<sup>15</sup>, há três cenários possíveis, sendo que a primeira visão é

---

<sup>13</sup> REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL: MDIC, China. Acesso em 9 de agosto de 2017. <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=chn>>.

<sup>14</sup> Fung Business Intelligence Centre, ‘*The Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road*’ <<https://www.fbigroup.com/sites/default/files/The%20Silk%20Road%20Economic%20Belt%20and%2021st%20Century%20Maritime%20Silk%20Road%20MAY%2015.pdf>>. Acesso em 6 de agosto de 2017.

<sup>15</sup> *Le Monde Diplomatique Brasil*, ‘A Nova Rota da Seda e o Brasil’ <<http://diplomatique.org.br/a-nova-rota-da-seda-e-o-brasil/>> Acesso em 7 de agosto de 2017.

altamente otimista, a qual afirma que será possível implementar o projeto com base na diplomacia chinesa:

Ainda não há um consenso acerca da viabilidade da plataforma. Circulam, no entanto, três interpretações gerais. A primeira, altamente otimista, é a de que a iniciativa poderá reconfigurar o comércio global e revolucionar as dinâmicas geopolíticas da Ásia e do seu entorno. Além disso, apostam na capacidade diplomática chinesa — respaldada pelo gigantesco portfólio do país em cooperação para o desenvolvimento — de superar visões conflituosas na região e colocar para escanteio as grandes potências com presença na Ásia, sobretudo os Estados Unidos. Algumas relações bilaterais entre potências regionais já passam por melhorias significativas. Pequim e Moscou, por exemplo, não se entendem tão bem desde a Aliança Sino-Soviética, dos anos 1950. (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, ONLINE, 2017).

A segunda visão, mais cética, diz que há muitos desafios financeiros para o projeto, o qual não teria como arrecadar os fundos anuais necessários para a implementação da infraestrutura e mesmo que isso seja possível, há a dúvida na capacidade administrativa de se colocar o investimento efetivamente no projeto, pois conta com muitas áreas de risco em relação a conflitos ou governos instáveis:

De acordo com a segunda interpretação, mais cética, a iniciativa enfrenta tantos desafios financeiros e políticos que, na prática, a plataforma não sairá do papel. Mesmo com a criação de novos fundos e o envolvimento de bancos multilaterais, o Obor demandaria uma quantia gigantesca: anualmente, entre US\$ 2 trilhões e US\$ 3 trilhões. E, mesmo que essa soma seja disponibilizada, não está claro se os países incluídos na plataforma direcionariam o financiamento para projetos previstos pela iniciativa. Além disso, o projeto engloba diversas zonas de conflito, dentre as quais o Afeganistão e a Síria, onde a introdução de infraestrutura, quando plausível, é altamente arriscada. No espaço marítimo, as relações entre a China e alguns dos seus vizinhos no Pacífico são marcadas por altas tensões e risco de conflito. Além disso, no plano geopolítico, a realização do Obor também depende da “boa vontade” de parceiros que historicamente veem a China com desconfiança, inclusive a Índia (que decidiu não participar do fórum) e a Rússia. (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, ONLINE, 2017).

Por fim, a terceira visão, é totalmente cética, uma vez que não vê a viabilidade do projeto em si, apenas de partes importantes da infraestrutura que terão efeitos para além da Eurásia. Considerando o sistema internacional atual, este é o cenário mais viável, uma vez que houve maior interesse pelo projeto chinês após a denúncia americana do Tratado Transpacífico, uma perda significativa em termos geopolíticos de cooperação internacional:

Uma terceira via é a ideia de que o Obor é excessivamente ambicioso e, portanto, jamais será aplicado na íntegra; componentes-chave, sim, serão realizados, com efeitos que se estenderão bem além da Grande Eurásia. A julgar pela cúpula que organizada em maio em Pequim, esse é o cenário mais provável. O Fórum Internacional sobre a Nova Rota da Seda conta com dezenas de chefes de Estado de ao menos três continentes, além dos líderes de organizações multilaterais de peso, como a ONU, o Banco Mundial e o FMI. O nível de interesse no Obor aumentou desde que o presidente Trump retirou os Estados Unidos da

Parceria Transpacífica. Pequim não perdeu tempo em promover seus próprios arranjos de cooperação. Mais de quarenta países já assinaram acordos de cooperação com a China prevendo investimentos alinhados com o Obor. Embora a Índia tenha resolvido se ausentar do fórum, os Estados Unidos enviaram representante, e o Japão – em que pese o conflito com a China acerca de ilhas no Pacífico – marcou presença com uma delegação robusta. (LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, ONLINE, 2017).

Por causa desses cenários distintos de contradição dentro dos próprios países participantes do OBOR, e por ser este último o cenário mais provável de acontecer nos próximos anos de execução do projeto, será utilizado de áreas prioritárias, as quais são a Eurásia (devido à proximidade com a China Ocidental, abundância de recursos naturais e necessidade de maior estabilidade regional) e o Sudeste Asiático (devido à importância do seu comércio com a China), como destaca o estudo do PwC (2016), “*China’s new silkroute The longandwindingroad*”:

Initially covering only the development of Western China and specifically the interior state of Xinjiang, the B&R initiative in its full extent is now reflecting China’s outbound focus in three directions: West (West China, Central Asia, the Middle East and Europe), East (Southeast Asia), and South (South Asia and Africa). For various reasons, Eurasia (because of its proximity to Western China, abundance of natural resources and need for greater regional stability) and Southeast Asia (due to the importance of its trade with China) will be given priority. It is expected that the Maritime route will be developed later, in part because China has a limited comparative advantage in establishing sea routes and is facing opposition from many different countries due to the position it has taken in the South Chinese Sea over disputed areas. (PWC, 2016, p.03)<sup>16</sup>.

Como a Nova Rota da Seda tem projeção para cerca de 30 à 40 anos, sua implementação ocorrerá de forma lenta e gradual, a medida em que o projeto ganha adesão e importância geopolítica no sistema internacional, o que já está ocorrendo, como pode-se observar através da variedade de material e notícias debatendo sobre a Nova Rota da Seda. Espera-se, como foi explanado segundo o Le Monde Diplomatique Brasil<sup>17</sup> que ocorra uma implementação da Nova Rota da Seda apenas através de projetos-chave, mas segundo o jornal *The Economist*, no artigo

---

<sup>16</sup>Tradução de MariéliLondero: “Inicialmente abrangendo apenas o desenvolvimento da China Ocidental e, especificamente, o estado interior de Xingjian, a iniciativa B&R em toda sua extensão está refletindo o foco de saída da China em três direções: Ocidental (Oeste da China, Ásia Central, Oriente Médio e Europa), Oriental (Sudeste Asiático) e Sul (Sul da Ásia e África). Por várias razões, a Eurásia (devido à proximidade com a China Ocidental, abundância de recursos naturais e necessidade de maior estabilidade regional) e o Sudeste Asiático (devido à importância do seu comércio com a China) serão prioritários. Espera-se que a via marítima seja desenvolvida mais tarde, em parte porque a China tem uma vantagem comparativa limitada no estabelecimento de rotas marítimas e enfrenta oposição de muitos países diferentes devido à posição que tomou no Mar do Sul da China em áreas disputadas.”

<sup>17</sup> Le Monde Diplomatique Brasil, ‘A Nova Rota da Seda e o Brasil’ <<http://diplomatique.org.br/a-nova-rota-da-seda-e-o-brasil/>> Acesso em 10 de agosto de 2017.

‘Our bulldozers, our rules: China’s foreign policy could reshape a good part of the world economy’<sup>18</sup> a Nova Rota da Seda deve estender a influência comercial chinesa, reduzir a dependência econômica chinesa no investimento em infraestrutura interna e exportar o excesso de produtos e serviços oferecidos internamente.

### 3 METODOLOGIA

Ao longo do artigo foram utilizados diversos materiais para o embasamento do tema proposto para análise, entre eles estão o estudo teórico com embasamento em livros de teóricos de Relações Internacionais, os quais escrevem sobre o Realismo; análise de dados disponibilizados por centro de estudos, os *thinktanks*; compilação de informações contidas em notícias de diversos portais disponíveis online; pesquisa empírica com base em mapas, dados e notícias; pesquisa bibliográfica e documental e análise crítica sobre os cenários dispostos frente ao projeto geopolítico.

Enquanto pensamento teórico foi utilizado o Realismo das Relações Internacionais devido sua relação com as temáticas de interesses baseados em termos de poder; do processo de conquista e manutenção de tal elemento; avaliação relativa à capacidade dos governantes para manter seu poder de maneira eficiente; a visão estadocêntrica como ator preponderante; a questão das *powerpolitics*; a visão sistemática baseada na ideia de um sistema multipolar ou de equilíbrio de poder e a ideia de que os Estados sempre buscam aumentar suas capacidades. (PECEQUILO, 2012, p.115-136).

A relação teoria/objeto de análise ocorre, no caso da China, desde sua formação, considerando a importância do pensamento sinocêntrico e da questão da ascensão pacífica, segundo Kissinger (2011). Atribuindo a visão de uma ascensão lenta e gradual por meio de elementos de poder, como do *soft power*, incluindo, então, a presença chinesa na África e América Latina, como pode ser analisado segundo Dambisa Moyo (2013), além de todos os projetos geopolíticos chineses, como a própria Nova Rota da Seda e questão eminente da reivindicação do poder sobre o Mar do Sul da China.

---

<sup>18</sup> The Economist, ‘Our bulldozers, our rules: China’s foreign policy could reshape a good part of the world economy’ <<https://www.economist.com/news/china/21701505-chinas-foreign-policy-could-reshape-good-part-world-economy-our-bulldozers-our-rules>> Acesso em 10 de agosto de 2017.



Para a análise temporal, o artigo apresenta um enfoque em notícias a partir de 2013, pois esse é o ano de lançamento do projeto da Nova Rota da Seda, até notícias mais atuais, de agosto de 2017. Além disso, também, há a compilação e exposição de dados contidos em dossiês de *thinktanks*, como o *IMF*, o *PwC*, o *Fung Business Intelligence Centre* e o *EurasiaGroup*, todos contendo informações e análises recentes sobre o assunto do artigo.

Segundo Heinsfeld (2008), a geografia política está contida na geopolítica, por esse motivo, faz-se importante a utilização de mapas ao longo do artigo para que fique ilustrado os conceitos e regiões descritos. Também, porque para a observação acerca da aproximação das duas rotas, por meio de um mapa fica mais visível a sobreposição das regiões. Por fim, então, faz-se necessário a exposição de projeção de cenários feitos por teóricos da área de Relações Internacionais sobre o projeto e qual será o mais provável de ocorrer ao longo dos 30 à 40 anos dispostos para a implementação do projeto.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideram-se, então, alguns pontos a serem ressaltados após a exposição das informações acerca da Nova Rota da Seda, enquanto pontos que demonstram a assertividade na geopolítica estratégica chinesa em relação a sua expansão pacífica. São destacados: a questão da utilização do pensamento planejador à longo prazo; o bom aproveitamento das ferramentas geopolíticas de expansão; administração efetiva nas suas políticas econômicas e comerciais; conhecimento e aproveitamento das ferramentas de *hard* e *soft power* e a eminente influência multidimensional.

Analisando-se as ações chinesas pela visão Realista, o pensamento planejador chinês de longo prazo<sup>19</sup> - como por meio dos planos quinquenais e outros de prazo mais estendido - demonstram, o que para Maquiavel (2012) era denominado de *virtú*. Segundo Sadek (2006), a *virtú* seria o domínio sobre a fortuna, nesse sentido, a *virtú* seria todas as capacidades e todos os

---

<sup>19</sup> INFORMAÇÃO DE MERCADOS FINANCEIROS -IMF, 'China – 13º Plano Quinquenal 2016-2020' <[http://www.imf.pt/dados/informacao/Outlooks/Outlooks\\_IMF\\_2016/Analise%20IMF%20-%20Janeiro%202016.pdf](http://www.imf.pt/dados/informacao/Outlooks/Outlooks_IMF_2016/Analise%20IMF%20-%20Janeiro%202016.pdf)>. Acesso em 11 de agosto de 2017. e \_\_\_\_\_, 'China – Os próximos 10 anos' <<http://www.imf.pt/index.php/pt/component/phocadownload/category/3-outlooks-imf?download=207:trimestral-imf-abril-2011>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

meios intelectuais adquiridos pelo governante para que fosse beneficiado com a *fortuna* (prosperidade, glória, poder). O interessante é perceber que o pensamento planejador chinês é utilizado desde as bases de sua fundação, fazendo com que a China fosse sempre um ator de relevância no âmbito econômico, cultural, político, militar e social.

Historicamente, como pode ser visto em Kissinger (2011), o ‘Império do Meio’ parece não ter um início, em que no seu mito fundador, a China parece já existir. Essa filosofia é refletida no pensamento enquanto um Império central que não possuía rivais, pois a primazia chinesa já era vista por volta do século XV durante as navegações chinesas para o Chifre Africano, Java, Índia e o estreito de Ormuz. Geopoliticamente, a China já estava desbravando uma rota comercial importante que os europeus só iriam descobrir décadas mais tarde.

Essa importância geopolítica reflete ao longo de eventos históricos na China, desde sua posição enquanto pivô para a estabilidade asiática, como em momentos conflituosos, segundo Kissinger (2011) como na Guerra do Ópio, a Guerra Sino-japonesa, conflitos com os ocidentais durante a ocupação chinesa do período entre guerras, no século XX e de momentos mais pontuais, como as Rotas da Seda, questões de segurança de fronteiras e a reivindicação do Mar do Sul da China. Apesar de que a geopolítica nem sempre favoreceu a China, o Estado sempre soube utilizar dessa ferramenta para benefício de expansão pontual de seu poder.

Economicamente, a China é um *player* internacional relevante e segundo Moyo (2013), a ascendência do Estado nos mercados internacionais financeiros e de recursos traz consigo mudanças geopolíticas e sociais reais e de larga escala, pois quanto maior a relevância do ator no mercado financeiro internacional, maior é seu peso de influência no *modus operandi* internacional. Como já foi citado, a República Popular da China possui o maior PIB PPC mundial, de \$21.14 trilhões de dólares (2016 est.); o maior número populacional, de 1.373.541.278 bilhões de pessoas (2016 est.) e o crescimento anual do PIB em porcentagem em 2016 era de 6.7%, é o país que mais compra títulos de dívidas americanos e o que está cada vez mais difundindo seu modo de produção em nível mundial.

Devido a tais fatores, é indispensável unir as políticas geopolíticas chinesas de expansão com a questão econômica, uma vez que é tal alavanca comercial que proporciona o investimento interno necessário para que tais empreitadas sejam possíveis de serem concluídas, não apenas em relação à Nova Rota da Seda, mas também, por exemplo, em relação à presença chinesa na África,

o que segundo Moyo (2013) é uma estratégia geopolítica fundamentada na busca de *commodities* através da instalação de empresas nacionais, da imigração de mão de obra e da compra de recursos naturais *in loco* para a exploração.

Segundo Moyo (2013), “O sucesso da China se baseia em muitos agentes diferentes – indivíduos, corporações, o Estado comunista. Mas, em última instância, tudo isso – seja público ou privado – se combinam sob uma força unificadora com uma agenda única: o desenvolvimento da China” (MOYO, 2013, p.14). A questão é que a China, impulsionada pelo seu capital humano, avanços tecnológicos e um capitalismo de mercado que ao longo das últimas décadas vem mostrando-se eficiente, parece possuir as condições econômicas e militares necessárias para tornar-se a superpotência deste século.

Todos esses pontos de importância geopolítica para a China podem ser resumidos em um fator preponderante: o poder. O poder duro e brando pode ser considerado a fonte da assertividade das políticas de expansão chinesa, assertividade a qual pode ser resumida por três palavras-chave, segundo David Li<sup>20</sup>, PhD em economia: a questão da energia, da retomada e da influência. A energia diz respeito à busca chinesa em não depender mais do fornecimento de apenas uma rota, isso se reflete na formação da Nova Rota da Seda, mas também diz respeito à nova energia para mudança econômica e política da China; a retomada diz respeito à busca pelo renascimento de uma civilização pacífica, autoconfiante e poderosa, a Dinastia Tang; e, por fim, a influência multidimensional em nível econômico, social, cultural, político e geopolítico que a China já apresenta nas relações internacionais atuais.

## 6 REFERÊNCIAS

BIRGMINGHAM WAR STUDIES, ‘**Tag Archives: Rimland, The role of geography in strategic culture**’. <<https://birminghamwarstudies.wordpress.com/tag/rimland/>> Acesso em 1 de agosto de 2017.

---

<sup>20</sup>David Li é diretor do Center for China in the World Economy da TsinghuaUniversitySchoolofEconomicsand Management, em Pequim. PhD em Economia, formado em Harvard, é um dos três membros acadêmicos do Comitê de Política Monetária do Banco Central da China. A fala de Li foi retirada de: KISSINGER, Henry et al. O século XXI pertence à China. **Um debate sobre a grande potência asiática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. v. 01. trad. **João Ferreira. Brasília: Editora Unb**, 2004.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, ‘**World Factbook: China**’ <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html>> Acesso em 9 de agosto de 2017.

DEFESANET, ‘**A nova Rota da Seda e o poder das ideias**’ <<http://www.defesanet.com.br/china/noticia/18194/A-nova-Rota-da-Seda-e-o-poder-das-ideias/>>. Acesso em 2 de agosto de 2017.

EURASIA GROUP, ‘**Risk 3: The China footprint**’<<https://www.eurasiagroup.net/live-post/risk-3-the-china-footprint>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

FUNG BUSINESS INTELLIGENCE CENTRE, ‘**The Silk Road Economic Belt and the 21st Century Maritime Silk Road**’<<https://www.fbicgroup.com/sites/default/files/The%20Silk%20Road%20Economic%20Belt%20and%2021st%20Century%20Maritime%20Silk%20Road%20MAY%202015.pdf>>. Acesso em 6 de agosto de 2017.

GONÇALVES, Williams; SILVA, Guilherme. Dicionário de Relações Internacionais. 2005.

HEINSFELD, Adelar. **Pensamento geopolítico: da geopolítica clássica às novas geopolíticas**. Passo Fundo. 2008.

INFORMAÇÃO DE MERCADOS FINANCEIROS -IMF, ‘**China – 13º Plano Quinquenal 2016-2020**’<[http://www.imf.pt/dados/informacao/Outlooks/Outlooks\\_IMF\\_2016/Analise%20IMF%20-%20Janeiro%202016.pdf](http://www.imf.pt/dados/informacao/Outlooks/Outlooks_IMF_2016/Analise%20IMF%20-%20Janeiro%202016.pdf)>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_, ‘**China – Os próximos 10 anos**’ <<http://www.imf.pt/index.php/pt/component/phocadownload/category/3-outlooks-imf?download=207:trimestral-imf-abril-2011>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais**. Zahar, 2007.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KISSINGER, Henry et al. O século XXI pertence à China. **Um debate sobre a grande potência asiática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, ‘**A nova rota da seda e o Brasil**’ <<http://diplomatie.org.br/a-nova-rota-da-seda-e-o-brasil/>>. Acesso em 8 de agosto de 2017.

MAGNOLI, Demétrio. **Relações Internacionais: teoria e história**. Editora Saraiva, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe-2a Edição**. Clío Editora, 2012.

MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. Teoria das relações internacionais: correntes e debates. **Rio de Janeiro: Elsevier**, 2005.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL -MDIC, ‘**Comex Vis: China**’. <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=chn>>. Acesso em 9 de agosto de 2017.

MINGST, Karen. **Princípios de relações internacionais**. Elsevier Brasil, 2016.

MODERN DIPLOMACY, ‘**The Silk World Order**’ <[http://modern diplomacy.eu/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=847:the-silk-world-order&Itemid=151](http://modern diplomacy.eu/index.php?option=com_k2&view=item&id=847:the-silk-world-order&Itemid=151)>. Acesso em 8 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_, ‘**China’s Re-Emergence As A Global Power**’ <[http://modern diplomacy.eu/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=174:china%E2%80%99s-re-emergence-as-a-global-power&Itemid=135](http://modern diplomacy.eu/index.php?option=com_k2&view=item&id=174:china%E2%80%99s-re-emergence-as-a-global-power&Itemid=135)>. Acesso em 8 de agosto de 2017.

MOYO, Dambisa. O vencedor leva tudo: a corrida chinesa por recursos e seu significado para o mundo. **Rio de Janeiro: Objetiva**, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, **Carta da ONU** <[http://unicrio.org.br/img/Cartada ONU\\_VersoInternet.pdf](http://unicrio.org.br/img/Cartada ONU_VersoInternet.pdf)> . Acesso em 3 de agosto de 2017.

PALAZZO, Carmen Licia. A cultura material na Rota da Seda: fontes para pesquisa em História Medieval. **AEDOS**, v. 2, n. 2, 2009.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Vozes, 2004.

PWC, ‘**China’s new silk route The long and winding road**’ <<https://www.pwc.com/gx/en/growth-markets-center/assets/pdf/china-new-silk-route.pdf>>. Acesso em 4 de agosto de 2017.

SADEK, Maria Tereza. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtú. **Os clássicos da política**, v. 1, p. 11-50, 2006.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de relações internacionais**. Editora Saraiva, 2000.

THE ECONOMIST, ‘**Our bulldozers, our rules: China’s foreign policy could reshape a good part of the world economy**’ <<https://www.economist.com/news/china/21701505-chinas-foreign-policy-could-reshape-good-part-world-economy-our-bulldozers-our-rules>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, ‘**Full text: Action plan on the Belt and Road Initiative**’ <[http://english.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content\\_281475080249035.htm](http://english.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content_281475080249035.htm)>. Acesso em 29 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_, **‘Chronology of China’s Belt and Road Initiative’** <[http://english.gov.cn/news/top\\_news/2015/04/20/content\\_281475092566326.htm](http://english.gov.cn/news/top_news/2015/04/20/content_281475092566326.htm)>. Acesso em 29 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_, **‘China’s Belt and Road Initiative benefit foreign companies’** <[http://english.gov.cn/news/top\\_news/2015/04/29/content\\_281475098166676.htm](http://english.gov.cn/news/top_news/2015/04/29/content_281475098166676.htm)>. Acesso em 30 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_, **‘Southeast Asia an important base for ‘Belt and Road’: HK scholar’** <[http://english.gov.cn/policies/policy\\_watch/2015/08/03/content\\_281475160034166.htm](http://english.gov.cn/policies/policy_watch/2015/08/03/content_281475160034166.htm)>. Acesso em 30 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_, **‘China pledges trans-regional customs co-op for Belt and Road’** <[http://english.gov.cn/state\\_council/ministries/2015/05/27/content\\_281475115756220.htm](http://english.gov.cn/state_council/ministries/2015/05/27/content_281475115756220.htm)>. Acesso em 30 de julho de 2017.

THE SYDNEY MORNING HERALD, **‘China’s new Silk Road: the One Belt One Road explained’** <<http://www.smh.com.au/world/chinas-new-silk-road-the-one-belt-one-road-explained-20170512-gw3ntx.html>>. Acesso em 3 de agosto de 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS: UNESCO, **‘About the Silk Road’**, <<https://en.unesco.org/silkroad/about-silk-road>> Acesso em 1 de agosto de 2017.

VILLA, Rafael Duarte. Mackinder: repensando a política internacional contemporânea. **Revista de Sociologia e Política**, n. 14, 2000.

XINHUA NET, **‘News Analysis: Belt and Road Initiative props Chinese economy’** <[http://news.xinhuanet.com/english/2015-07/13/c\\_134408158.htm](http://news.xinhuanet.com/english/2015-07/13/c_134408158.htm)> Acesso em 10 de agosto de 2017.